



Brasileiros vão à Dinamarca conhecer os segredos de suinocultura altamente produtiva

A Dinamarca é um dos maiores produtores e exportadores de carne suína do mundo. Com plantel de 12 milhões de animais, o país produz cerca de 2,5 milhões de toneladas de carne por ano e exporta 85% desse total, cerca de 2 milhões de toneladas por ano.

Os números comprovam que a produtividade da suinocultura do país escandinavo é uma das maiores do mundo. O Brasil, por exemplo, tem plantel de 36 milhões de suínos, três vezes maior que o dinamarquês, mas produz 2,6 milhões de toneladas – praticamente o mesmo que a Dinamarca – e exporta 500 mil toneladas por ano (75% a menos).

O mais impressionante é que esse espetacular resultado da Dinamarca é obtido sem a utilização de antibióticos promotores de crescimento, cujo processo de banimento começou em 1994 e deflagrou movimento em toda a União Européia para a proibição total dos promotores de crescimento a partir de janeiro de 2006. Mas, afinal, é possível ser eficiente na suinocultura sem a utilização de antibióticos promotores de crescimento nem mesmo na produção interna?

Um grupo de 13 representantes de importantes organizações suinícolas do Brasil foi conferir de perto a realidade da suinocultura da

Dinamarca para entender melhor as razões do sucesso da atividade. A convite da Alltech, técnicos, diretores e nutricionistas das maiores integradoras de suínos e empresas de insumos permaneceram uma semana naquele país, onde conheceram de perto todas as etapas de produção da carne suína – da chegada da matéria-prima utilizada na ração (farelo de soja do Brasil e da Argentina), passando pelo sistema de cooperativas, abatedouros e supermercados – e entenderam os motivos que levam aquele país a ser tão competitivo, inclusive no mercado externo, onde é concorrente do Brasil.

"A suinocultura dinamarquesa vende 85% do que produz e trabalha, basicamente, em sistemas de cooperativas que não competem entre si. No Brasil, quem vende a carne são as empresas e, em se tratando de mercado, há sempre a concorrência, além dos problemas normais de oferta e procura, que podem derrubar os preços", informa Elias Zydek, diretor executivo da Frimesa Cooperativa Central, Medianeira, PR.

Duas empresas de nutrição, em especial, chamaram a atenção dos brasileiros, a DLA e a DLG. Juntas, elas detêm mais de 90% do mercado de alimentação de suínos da Dinamarca e trabalham em conjunto com produtores para fortalecer a marca "Danish Crown" no mercado externo – a cooperativa, de mesmo nome, é responsável pelo abate de 90% dos suínos. "A suinocultura dinamarquesa quer ser a segunda opção mais lembrada pelos consumidores, depois da marca do próprio país de consumo. Para isso, o investimento é pesado em genética (100% dinamarquesa), sanidade, alimentação

dos suínos e segurança alimentar", informa Jorge Pederiva, gerente de compras da Perdigão.

Os especialistas brasileiros ficaram particularmente impressionados com as questões sanitárias e de segurança alimentar, levadas a extremos na Dinamarca, o que reforça a preocupação em oferecer aos consumidores alimentos cada vez mais seguros. "A Dinamarca possui um complexo sistema de controle sanitário e foi pioneira na eliminação de antibióticos promotores de crescimento. Além disso, o país leva muito a sério a rastreabilidade e preocupa-se com o bem-estar dos animais, tanto que está adaptando todas as granjas para oferecer mais conforto aos suínos, evitando estresse e, conseqüentemente, aumentando a produtividade", relata Pederiva, da Perdigão.

Nem mesmo o alto custo de produção no país, cerca de R\$ 3,60 o quilo vivo, contra R\$ 1,60 o quilo vivo no Brasil (custo médio), é problema para os suinocultores da Dinamarca, já que a suinocultura dinamarquesa investe no fortalecimento da marca "Danish Crown". "Por outro lado, o prazo de retorno dos investimentos na Dinamarca varia de 15 a 20 anos. Isso seria impossível no Brasil, onde existe a cultura do retorno imediato", informa Elias Zydek, da Frimesa.

A principal lição tirada da viagem à Dinamarca foi o profissionalismo com que a atividade é tratada no país, além, obviamente, da questão de sanidade e segurança alimentar, levadas realmente às últimas conseqüências por toda a cadeia produtiva. "É um sinal de que o Brasil, como quinto maior exportador mundial, deve ficar atento aos passos dos nossos concorrentes, principalmente em relação à alimentação dos animais, que deve ser a mais natural possível, livre de antibióticos promotores de crescimento", explica Jorge Pederiva, da Perdigão.

Mais informações: Texto assessoria, fone: (011) 3675-1818 ou e-mail: vanessa@textoassessoria.com.br. ■



Controle de parasitas é fundamental para retorno econômico na pecuária moderna



A infestação de animais por 500 moscas-dos-chifres causa prejuízo de 40kg em relação ao peso final dos bovinos, queda de 25% na produção leiteira e redução de 40% na produção de lã em ovinos. Por isso, a prevenção de infestações de parasitas é determinante para aumentar a produtividade na bovinocultura de corte e leite e na ovinocultura, segundo o médico veterinário José Ricardo Garla de Maio, da Tortuga Companhia Zootécnica Agrária. "A pecuária moderna exige aumento da produtividade do rebanho e o produtor deve ficar atento para não ter surpresas desagradáveis. Os parasitas são grandes inimigos da produtividade e por isso é indispensável promover controle sanitário eficiente", ressalta José Ricardo.

O controle de ectoparasitas (parasitas externos), como moscas-dos-chifres, bernês, sarnas e bicheiras, por exemplo, tem de ser feito com objetivo de evitar grandes infestações, que causam a queda dos índices zootécnicos. Para o controle de carrapatos, especificamente, recomendam-se três tratamentos antes da chegada da estação chuvosa, com intervalos inferiores a 15 dias, prática que ajuda a reduzir a proliferação, independentemente da presença ou não da praga. Quando as infestações atingirem níveis maiores, repete-se um dos tratamentos.

O médico veterinário explica que o período de seca é o melhor para controlar a infestação de endoparasitas (parasitas internos), pois é quando eles se encontram em grande quantidade no organismo dos animais e em baixíssimas quantidades no ambiente. Bovinos com até 30 meses de idade devem ser vermifugados três vezes ao ano, nos meses de maio, julho e setembro, nos Estados do Centro-Oeste e Sudeste.

Com base em conhecimentos técnicos é possível saber qual o melhor período para implantar o controle parasitário

Já os bezerros ao nascerem devem receber uma dose de endectocida (ivermectina) para auxílio no controle de miíases (bicheiras), aliado à cura e à desinfecção do umbigo, e vermífugo aos três meses de idade para reduzir os danos dos vermes. Podem ser utilizados produtos à base de albendazol.

Alguns problemas com parasitas podem passar despercebidos. Para evitá-los, é interessante adotar tratamentos táticos, como vistoria de animais recém-adquiridos, em confinamento ou fêmeas em estação de monta, e implementar a rotação de pastagens com a finalidade de limpar o pasto. Com base em conhecimentos técnicos é possível saber qual o melhor período para implantar o controle parasitário. Essa atribuição, sugere José Ricardo, cabe a um técnico capacitado, que deverá avaliar também as peculiaridades climáticas da região onde está localizada a propriedade. "Não se pode descuidar, pois há fatores ambientais, biológicos e de manejo que podem interferir decisivamente na dinâmica populacional dos parasitas. É o caso de fatores climáticos imprevistos, faixa etária dos animais, baixo nível nutricional e lotação de gado nas pastagens, entre outros", adverte o veterinário.

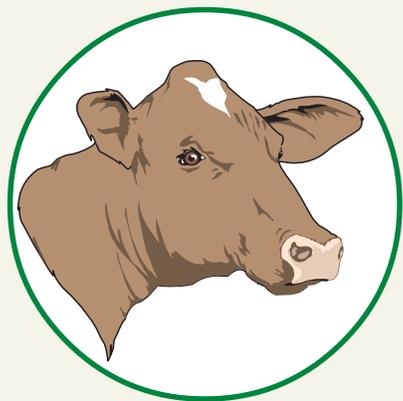
José Ricardo informa, ainda, que consome-se o equivalente a 3,5 bezerros desmamados de 180kg para implantar controle sanitário eficiente em um lote de 100 bezerros. "O retorno do investimento é de aproximadamente 5.400kg/100 animais, ou seja, ganho de mais de 26,5 bezerros de 180kg", explica o técnico.

Mais informações acesse: www.tortuga.com.br

Campos Naturais

Programa catarinense obtém reconhecimento nacional

Ulisses de Arruda Córdova¹



Executado na área de abrangência das Gerências Regionais de Lages e São Joaquim, por meio da Estação Experimental de Lages, o Programa executado pela Epagri, Amures/Forsema e Faesc foi classificado entre os 20 finalistas do Prêmio Gestão Pública e Cidadania 2003.

O Programa Campos Naturais do Planalto Serrano Catarinense ou "Projeto de Melhoramento de Campo Nativo", como é mais conhecido, é executado pela parceria entre a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. – Epagri –, a Federação da Agricultura de Santa Catarina – Faesc –, a Associação dos Municípios da Região Serrana – Amures –, o Fórum de Secretários Municipais de Agricul-

tura – Forsema –, as prefeituras municipais e alguns sindicatos rurais. É responsabilidade da Epagri a geração e difusão de tecnologias e a capacitação de produtores e técnicos. As demais entidades se responsabilizam pela alocação de recursos, pelo auxílio na área de capacitação e mobilização dos beneficiários, pela participação na organização de eventos técnicos e pela divulgação do Projeto.

Além dos escritórios municipais da Epagri e das secretarias municipais de agricultura que atuam na execução a campo, participam diretamente na geração e difusão de tecnologia do Programa os pesquisadores Nelson Eduardo Prestes, Ulisses de Arruda Córdova, Osvaldo Vieira dos Santos e Vilmar Francisco Zardo.

¹Eng. agr., Epagri/Estação Experimental de Lages, C.P. 181, 88502-970 Lages, SC, fone/fax: (049) 224-4400.

Histórico e objetivos

O Programa Campos Naturais iniciou com algumas excursões ao município de André da Rocha, RS, na propriedade do professor Aino Jacques. Em 1996 foram implantadas pela pesquisa e extensão rural duas unidades em Bom Retiro e uma em Lages. Em 1997 a Prefeitura Municipal de Urupema transformou o melhoramento de campo nativo em ação oficial de governo, através de um projeto específico. E em 27 de março de 1998 foi lançado oficialmente como Programa Regional.

Entre os objetivos principais do Programa Regional estão: explorar de maneira sustentável os campos naturais, manter a biodiversidade desse ecossistema, viabilizar a pecuária nesse meio geográfico, produzir carne de alto valor biológico, gerar empregos no meio rural, difundir tecnologias de baixo custo e eliminar a prática das queimadas nos campos naturais.

Resultados

Pelo Programa foram implantados em torno de 6.000ha em 550 propriedades em todos os municípios da Serra Catarinense. Em seis anos de execução do Programa foram promovidos 63 eventos de difusão de tecnologia, com a participação de 6.971 pessoas, e capacitados 80 técnicos.

Em estudo realizado pela Universidade do Planalto Catarinense – Uniplac – foi demonstrado que, em 15 propriedades que adotaram a tecnologia de melhoramento de campo nativo, a produtividade média passou de 40 para 356kg de peso vivo por hectare por ano (kg de PV/ha/ano) (Figura 1). Na área já implantada é possível terminar 3.600 bois de 500kg a mais por ano, o que equivale a uma receita bruta adicional de R\$ 3,42 milhões. Em diversas propriedades acompanhadas pela Epagri foram obtidas produtividades superiores a 600kg de PV/ha/ano.

Perspectivas

Segundo o gerente da Epagri/Gerência Regional de Lages, Celso Dalagnol, "a classificação como finalista do Programa Gestão Pública e Cidadania 2003, concorrendo



Figura 1. Manutenção e preservação das melhores espécies nativas é um dos objetivos da tecnologia que está sendo difundida na Região Serrana

com quase 1.200 projetos, dá outra dimensão ao Programa, e com a credibilidade obtida fica mais fácil buscar recursos para ampliá-lo, pois, apesar dos bons resultados, ainda não se tornou ação oficial de nenhum governo estadual, embora já tenha se tornado prioridade em diversos municípios".

“O grande mérito que temos é a obtenção de resultados práticos a campo em centenas de propriedades, além do forte caráter ecológico do Programa...”

Para Sadi Nazareno de Souza, chefe da Epagri/Estação Experimental de Lages, unidade responsável pela defesa do Programa perante a Fundação Getúlio Vargas e as demais entidades promotoras, “o grande mérito que temos é a obtenção de resultados práticos a campo em centenas de propriedades, além do forte

caráter ecológico do Programa e da possibilidade de produzir carne de qualidade cada vez mais procurada por mercados consumidores mais exigentes. Essa classificação representa o reconhecimento de vários anos de trabalho entre diversas instituições”.

Etapa final

Depois de passar por três etapas, sendo uma de auditoria direta por especialistas na área de execução, o Programa foi classificado entre os 20 finalistas e garantiu um prêmio no valor de R\$ 6 mil e o direito a uma ampla divulgação nacional através de publicações da Fundação Getúlio Vargas e das demais instituições que promovem essa premiação.

O Prêmio Gestão Pública

O Programa Gestão Pública e Cidadania surgiu em 1996, numa iniciativa conjunta da Fundação Getúlio Vargas – FGV – e Fundação Ford, com o objetivo de identificar, analisar, premiar e divulgar experiências inovadoras nos níveis subnacionais de governo. A partir de 1997 tornou-se também parceiro do Programa o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES –, que apóia a disseminação de experiências e financia a premiação dos finalistas. O Programa conta atualmente com um banco de dados que inclui mais de 5 mil experiências de todo o Brasil inscritas em sete anos. ■



9º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha será realizado em Chapecó, em 2004

No contexto da agricultura conservacionista, a redução ou eliminação do revolvimento do solo com preservação da cobertura do mesmo em caráter permanente e a ampliação da biodiversidade por meio de sistemas diversificados de rotação de culturas, integração lavoura-pecuária e sistemas agrofloretais constituem os pilares de sustentação de um modelo holístico de produção, principalmente pelos benefícios à proteção do solo, da água, do ar e da biota.

Uma das modalidades mais eficazes para garantir a sustentabilidade da agricultura conservacionista e combater os problemas da degradação ambiental é o Sistema Plantio Direto, que conta hoje com, aproximadamente, 66 milhões de hectares em todo o mundo. O Brasil tornou-se referência mundial nesta tecnologia, contando atualmente com uma área cultivada superior a 19 milhões de hectares. No contexto nacional, Santa Catarina destaca-se não tanto pela área cultivada em plantio direto em si, estimada em cerca de 1 milhão de hectares, mas pela tecnologia gerada e adaptada às condições dos agricultores familiares catarinenses. Santa Catarina, em razão da adoção do sistema plantio direto para milho, feijão, fumo, man-

dioca, cebola, e, mais recentemente, várias hortaliças (entre elas o tomate), tanto em condições de cultivo manual como tração animal e mecanizada (microtrator e tratores tradicionais), tem sido citada como referência nacional e internacional. Este avanço foi devido ao arrojo e à perseverança de produtores que integraram seus esforços com pesquisadores, extensionistas, consultores autônomos, entidades não-governamentais, cooperativas, indústrias de equipamentos e de agroquímicos, entre outros.

A Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha – FEBRAPDP –, entidade que congrega todas as organizações de produtores do Brasil que adotam o Sistema Plantio Direto (SPD) em suas propriedades – Clubes dos Amigos da Terra (CAT) – em assembléia geral ordinária realizada em Foz do Iguaçu, PR, em agosto de 2003, durante a realização do II Congresso Mundial de Agricultura Conservacionista, definiu Santa Catarina como a sede do 9º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha. Segundo o engenheiro agrônomo Maury Sade, secretário executivo da FEBRAPDP, "este será o primeiro grande encontro nacional de plantio direto em Santa Catarina; será o reconhecimento nacional pelo

esforço realizado pelos agricultores e técnicos catarinenses em prol do desenvolvimento do Sistema Plantio Direto em condições de pequena propriedade".

Para registrar oficialmente a escolha de Santa Catarina e de Chapecó como cidade sede do evento, a Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, em parceria com o Governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Estado da Agricultura e Política Rural – SAR – e sua vinculada Epagri, e com a Prefeitura Municipal de Chapecó, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Agricultura, fez o lançamento oficial do evento no dia 12 de dezembro de 2003, tendo por local o auditório da Epagri/Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar – Cepaf –, em Chapecó.

Participaram do lançamento do 9º ENPDP a diretoria da FEBRAPDP, representantes do governo catarinense, diretores da Epagri, representantes do governo municipal, lideranças locais e regionais, cooperativas, empresas de insumos agrícolas, técnicos e agricultores convidados.

Destaque especial foi dado à participação dos pioneiros do plantio direto na palha no Brasil, os conhecidos Manoel Henrique (Nonô) Pereira e Herbert Bartz, e de vários agricultores integrantes do Grupo Amigos do Solo, do distrito de Alto da Serra, de Chapecó, o grupo pioneiro do Plantio Direto em Santa Catarina.

O 9º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha já tem data marcada: será realizado no período de 29 de junho a 2 de julho de 2004, no Parque de Exposições Tancredo Neves (Parque da Efapi), em Chapecó.

Para mais informações acesse: www.febrapdp.org.br, e-mail febrapdp@uol.com.br, ou ligue (042) 223-9107.



Ferrugem asiática da soja: primeiros focos apareceram mais cedo na safra 2003/04



Lavoura atacada pela ferrugem asiática

Os municípios de Sorriso, Campo Novo dos Parecís, Campos de Júlio, Sapezal e Primavera do Leste, em Mato Grosso, e Goiânia, em Goiás, foram os primeiros focos de ferrugem asiática da safra 2003/04. Ao contrário do ocorrido na safra passada, os primeiros sintomas apareceram mais cedo. Em alguns casos, a doença atingiu plantas ainda no estágio vegetativo, cerca de 25 dias após a germinação.

A ferrugem asiática é causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, causa desfolha precoce da soja e redução de peso do grão. A doença é disseminada pelo vento e não pela semente. Nos casos mais severos, há relatos de perdas de cerca de 70% da produção. A ferrugem apareceu pela primeira vez há dois anos, e sua identificação na fase inicial ainda é uma dificuldade para técnicos e agricultores. É muito comum confundir-la com a mancha-parda ou com a septoriose (*Septoria glycines*). A diferenciação entre as duas doenças é feita obser-

vando com uma lupa a parte de baixo da folha. Na ferrugem é possível observar uma saliência semelhante a uma bolha, que corresponde à estrutura de frutificação do fungo (urédia).

Na safra passada, os primeiros sintomas foram observados somente a partir de janeiro, quando as lavouras estavam em fase inicial de floração, com cerca de 55 a 60 dias. O aparecimento precoce da ferrugem nessas regiões preocupa pesquisadores da Embrapa Soja, uma vez que a doença reduz a produtividade das lavouras, e seu controle aumenta significativamente os custos de produção. O fungo *Phakopsora pachyrhizi* só sobrevive de uma safra para outra em hospedeiros vivos e infecta 95 espécies de plantas em mais de 42 gêneros. No caso brasileiro, o principal hospedeiro no inverno tem sido a própria soja, através de plantas voluntárias (aquelas que germinam a partir de grãos perdidos na colheita) e da soja irrigada para produção de semente. O aumento das áreas de produção de semente no inverno na região central do Brasil foi o principal responsável pelo surgimento precoce da ferrugem nesta safra.

A ocorrência da ferrugem está diretamente associada às condições climáticas. Temperaturas médias menores que 28°C e molhamento foliar de mais de 10 horas favorecem a infecção da planta. É por isso que nas regiões mais quentes é mais difícil aparecer a doença, ou, quando aparece, não desenvolve de forma explosiva. As regiões com altitude supe-

rior a 700m são mais favoráveis à ocorrência da doença devido às temperaturas noturnas mais amenas associadas a um maior número de horas de orvalho. Regiões mais baixas, porém com chuvas bem distribuídas, também são favoráveis para o desenvolvimento mais rápido da doença.

A única forma de controle é a aplicação de fungicida, mas é preciso saber reconhecer o momento certo de aplicar. Estudos da Embrapa Soja mostram que os fungicidas protegem, em média, por cerca de 25 dias. Se aplicar no momento errado, o agricultor pode ter que fazer várias aplicações, o que aumenta sensivelmente os custos de produção. Por outro lado, se o produtor não estiver monitorando a lavoura, só vai perceber os sintomas quando for tarde demais, comprometendo assim a eficiência dos produtos.

Essas informações constam do Sistema de Alerta elaborado com a supervisão técnica dos pesquisadores Claudia Godoy e José Tadashi Yorinori. Edição: Carina Gomes, PR.

Fonte: www.cnpso.embrapa.br/alerta.



Esporulação do fungo



Folha com sintomas



IBGE e Embrapa lançam Mapa de Solos do Brasil

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – e a Embrapa lançaram, em julho de 2003, no auditório do IBGE, Rio de Janeiro, RJ, o novo Mapa de Solos do Brasil (escala 1:5.000.000). Lançado pela Embrapa originalmente em 1981, o mapa ganha esta versão – em trabalho de parceria com o IBGE – utilizando o novo Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (SBCS, Embrapa 1999).

O Mapa de Solos do Brasil identifica e cartografa os diferentes tipos de solos encontrados no Brasil; reúne informações e conhecimentos produzidos ao longo de mais de 50 anos de ciência do solo no Brasil, reflexo do avançado estágio de conhecimento técnico-científico dos solos tropicais pela comunidade científica brasileira. Para sua elaboração, foram

utilizados os levantamentos exploratórios de solos produzidos pelo Projeto RadamBrasil ao longo das décadas de 70 e 80, complementados por outros estudos mais detalhados de solos produzidos principalmente pela Embrapa e pelo IBGE.

Especificamente para o planejamento territorial, mesmo sem trazer informações para uso local, o mapa contém informação estratégica para compreensão e avaliação da dinâmica da paisagem nacional, zoneamentos e planejamentos regionais e estaduais, além de planos setoriais, como uso e conservação dos recursos hídricos, corredores de desenvolvimento, sistemas viários e outros.

Este mapa é um instrumento básico para subsidiar estudos, com informações atualizadas sobre os re-

ursos dos solos brasileiros, representando uma ferramenta imprescindível para todos que têm no recurso solo o objeto de sua atuação, tais como especialistas em ciência do solo, instituições de ensino e pesquisa, empresas de planejamento agropecuário ou florestal, técnicos da extensão rural, pesquisadores de diversas áreas, ONGs ligadas ao meio ambiente e desenvolvimento, órgãos públicos ligados à agricultura e ao meio ambiente e produtores.

O novo mapa será em breve disponibilizado em meio digital e complementa a série Mapas Murais do IBGE, que inclui os mapas de Relevô, Vegetação, Geologia, Fauna e Clima do Brasil.

Mais informações com Embrapa Solos, fone: (021) 2274-4999, r-278, e-mail: carlos@cnps.embrapa.br. ■

O plantio direto de Manoel Henrique Pereira imortalizado em prosa e verso

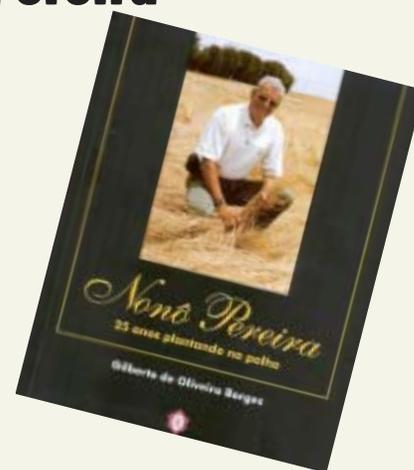
Foi lançado no dia 11 de agosto de 2003 durante a solenidade de abertura do II Congresso Mundial de Agricultura Conservacionista, em Foz do Iguaçu, PR, o livro "Nonô Pereira: 25 anos plantando na palha", que imortaliza a experiência e a trajetória de um dos pioneiros do sistema plantio direto no Brasil e resgata a história do sistema em nosso país.

São 170 páginas escritas pelo engenheiro agrônomo Gilberto Borges, fundador e editor por 12 anos da Revista Plantio Direto, e ricamente ilustradas com fotos particulares do protagonista. O texto aborda a trajetória de uma das mais importantes personalidades da agricultura nacional, homem que praticou e defendeu o Sistema Plantio Direto no Brasil e

na América Latina durante 25 anos e que hoje é uma referência mundial para os que utilizam ou buscam informações sobre o tema.

O registro fotográfico feito por Manoel Henrique Pereira, desde o início de suas atividades, motivou a elaboração do texto. Preocupado com a possibilidade de perda, através do tempo, da história do plantio direto brasileiro, registrada e vivida por Nonô Pereira, Gilberto Borges iniciou o trabalho que descreve a trajetória desse pioneiro do sistema. Em muitos trechos a história pessoal de Nonô se entrelaça com a do plantio direto, dando a impressão de que é impossível descrevê-las em separado.

O resultado deste trabalho foi um livro histórico e de riquíssimo con-



teúdo fotográfico. Na verdade, "Nonô Pereira – 25 anos plantando na palha" é um documento que levará a história do plantio direto brasileiro para o mundo e para futuras gerações.

O livro está disponível no site www.plantiodireto.com.br. Pode ainda ser solicitado pelo e-mail: editora@plantiodireto.com.br ou pelo fone/fax: (054) 311-1235. ■

VI Simpósio Brasileiro sobre Bananicultura

Acontecerá no dia 3 de maio de 2004, no Teatro Juarez Machado, em Joinville, SC, a abertura do VI Simpósio Brasileiro sobre Bananicultura – Sibanana. Com o tema principal "Sistemas alternativos de produção", palestrantes de renome nacional e internacional estão confirmados para apresentar e discutir assuntos referentes aos sistemas de produção da banana, aos cuidados, à comercialização, à industrialização, entre outros.

Uma promoção da Associação Catarinense para o Desenvolvimento Tecnológico da Fruticultura – Acafruta – e da Sociedade Brasileira de Fruticultura – SBF –, o evento tem como realizadores a Epagri e a própria Acafruta. Durante cinco dias, produtores, especialistas, engenheiros agrônomos, técnicos e demais trabalhadores rurais participarão de diferentes programações relacionadas

à bananicultura. O primeiro dia é reservado para inscrições, coquetel e abertura. Entre os dias 4 e 6 de maio, palestras e debates serão apresentados e discutidos entre os participantes, e no último dia do evento, 7 de maio, serão realizadas excursões em diferentes sedes, empresas e outras instituições de Santa Catarina.

Paralelamente ao evento, ocorrerá ainda a 1ª Mostra Catarinense de Produtos Industrializados e Artesanais de Banana e da Bananeira, o lançamento da Cartilha de Classificação da Banana e o lançamento das Normas Técnicas para a Produção Integrada da Banana.

Para mais informações, acesse: www.epagri.rct-sc.br ou e-mail:



sibanana@epagri.rct-sc.br, ou ligue para (047) 341-5212. O prazo para as inscrições de trabalhos para apresentação termina em 31/3/2004. ■

Fundação Vegetal e Embrapa lançam três cultivares de soja para MS

Três novas cultivares de soja – BRS 239, BRS 240 e BRS 241 – foram desenvolvidas por intermédio de uma parceria entre a Embrapa Agropecuária Oeste, Dourados, MS e a Fundação Vegetal. Segundo a pesquisadora Maria do Rosário de Oliveira Teixeira, da área de melhoramento de soja, as cultivares são indicadas para a Região Sul do Estado e as características comuns entre as três são o alto potencial de rendimento de grãos e a tolerância aos nematóides de galhas. A semeadura antecipada e a precocidade são características comuns às duas primeiras.

A BRS 239, do grupo de maturação precoce, é indicada para semeadura entre 20 de outubro e 15 de dezembro, apresenta estabilidade de produção e é indicada para solos de mé-

dia a alta fertilidade. A cultivar precoce BRS 240 foi desenvolvida para semeadura no período de 25 de outubro a 15 de dezembro em solos de alta fertilidade. A BRS 241, semiprecoce, é indicada para semeadura entre 1º de novembro e 5 de dezembro, em solos de média a alta fertilidade, também apresentando estabilidade de produção.

Uma pesquisa de melhoramento que resulta em novas cultivares é desenvolvida num período de dez a 12 anos. Paulo César Cardoso, pesquisador da Fundação Vegetal, explica que nesse período são realizados diversos testes: avaliação do rendimento de grãos, reação às doenças e caracterização das cultivares, além do estudo em diferentes populações de plantas e épocas de semeadura. De forma a verificar o comporta-

mento em diferentes regiões, os experimentos foram conduzidos nos municípios de Dourados, Maracaju, Sidrolândia, Itaquiraí, Ponta Porã, Laguna Carapã e Aral Moreira.

As novas cultivares estarão disponíveis aos agricultores nas empresas instituidoras da Fundação Vegetal nas seguintes cidades: Dourados (Cooagri, Coopasol, Fazenda Paquetá, Sementes Guerra, Sementes Stella e Semen Barra), Laguna Carapã (Sementes Taquá), Amambai (Cerealista Bom Fim), Ponta Porã (Sementes Norton e Sementes Jotabasso) e Aral Moreira (Agrícola Sperafico).

Mais informações com Suelma Bonatto, Embrapa Agropecuária Oeste, fone: (067) 425-5122, e-mail: suelma@cpao.embrapa.br. ■